

Para citar esse documento:

RODRIGUES, Roberto. A construção de saberes em dança a partir das experiências dos ateliês de criação em dança: relatos de uma trajetória docente na licenciatura em dança do IFG/Campus Aparecida de Goiânia. *Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA*. Salvador: ANDA, 2019. p. 1852-1858.

**Anda** Associação Nacional de Pesquisadores em Dança  
[www.portalanda.org.br](http://www.portalanda.org.br)

## **A CONSTRUÇÃO DE SABERES EM DANÇA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DOS ATELIÊS DE CRIAÇÃO EM DANÇA: RELATOS DE UMA TRAJETÓRIA DOCENTE NA LICENCIATURA EM DANÇA DO IFG/CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA**

Roberto Rodrigues (IFG)<sup>i</sup>

**RESUMO:** Este relato parte das minhas experiências docentes no curso de Licenciatura em Dança do IFG/ Campus Aparecida de Goiânia, atuando nas disciplinas "Ateliê de criação em dança 1 e 2" onde propõem-se o estudo e vivências de diferentes acervos de dança e seus processos de ensino-aprendizagem a partir dos diversos contextos onde estão inseridos. A presente reflexão aponta para a possibilidade da desconstrução de alguns paradigmas estéticos no que tange ao ensino e aprendizagem das chamadas "técnicas de dança" e a construção de novos olhares em torno dos saberes formativos nas trajetórias docentes a partir da perspectiva da experiência.

**PALAVRAS- CHAVE:** Dança. Saberes em dança. Experiência.

### **THE CONSTRUCTION OF DANCE KNOWLEDGE FROM THE EXPERIENCES OF DANCE CREATION WORKSHOPS: REPORTS OF A TEACHING CAREER IN THE DEGREE IN DANCE**

**ABSTRACT:** This report comes from my teaching experiences in the Dance Degree course at IFG / Campus Aparecida de Goiânia, acting in the disciplines "Dance Creation Studio 1 and 2" where the study and experiences of different dance collections and their processes are proposed teaching-learning from the different contexts where they are inserted. This reflection points to the possibility of the deconstruction of some aesthetic paradigms regarding the teaching and learning of the so-called "dance techniques" and the construction of new perspectives around the formative knowledge in the teaching trajectories.

**KEYWORDS:** Dance. Knowledge in dance. Experience.

O presente relato parte das minhas experiências docentes ao atuar nas disciplinas chamadas *Ateliês de criação em dança* no curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia. Tais disciplinas são ofertadas semestralmente, desde o primeiro período até o último do curso. De forma geral, essas disciplinas pretendem ser uma espécie de eixo estruturante em cada um dos semestres, pois lidam diretamente com os fazeres da dança em suas distintas fisionomias, formatações e inserções artísticas e sociais.

Os *Ateliês de criação em dança* contemplam diferentes acervos de dança, desde as estéticas ligadas mais diretamente aos contextos não-formais, como por

exemplo, as Danças Urbanas e Danças de Salão, às estéticas de dança relacionadas ao universo da cena como o Balé, as Danças Modernas e Contemporâneas. Entretanto, têm-se, desde as primeiras aproximações com tais acervos outro entendimento do que seja aprender e ensinar dança, buscando romper com certos preconceitos e tabus relacionados a padrões de corpo, movimento, às valorações e relações de poder que permeiam seus diferentes contextos de vivência, ensino e aprendizagem. Como nos apresenta o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da Licenciatura em dança do IFG:

Os acervos compreendem o conjunto de gestualidades e as formas de organização corporal identificadoras e geradoras de danças específicas das várias culturas, abarcando as matrizes fundantes e as várias transformações sofridas ao longo de seu desenvolvimento e permanência sociais. A proposta envolve experimentação e reflexão de acervos constituídos e instituídos socialmente, ou seja, a partir de como são apresentados, identificados e problematizados em nossa sociedade (GUIMARÃES et al. 2018, p.23)

As experiências proporcionadas nos *Ateliês* a partir desses diferentes acervos buscam, então, provocar os alunos, encarados, aqui, como *sujeitos da experiência*<sup>1</sup> a investigarem seus traços e poéticas constituídas nas possibilidades de danças que surgem a partir dos diferentes modos pelos quais esses acervos são apresentados, identificados e *ex-postos*<sup>2</sup> aos sujeitos nos diversos espaços de vivência, ensino e aprendizagem dessas danças em nossa sociedade.

Nos *Ateliês de criação* que direciono o que tenho proposto é que os sujeitos da experiência pesquisem os efeitos, os vestígios que a sua cultura deixa através das marcas, dos rastros que se apresentam para nós a partir dos corpos, movimentos que se apresentam, se ex-põe para nós pelas/nas danças. É a partir daí que podemos criar novos lugares de inserção poética na/pela dança trazendo à tona

<sup>1</sup> Atravessado pelos estudos de Jorge Larrosa, trago para este relato o conceito de sujeitos da experiência para pensar os discentes do curso como sujeitos que são atravessados, colocados em constante *ex-posição* com os saberes advindos dos acervos de dança. Assim, Larrosa (2015) afirma que 'o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (...)' o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar (...) o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos' (LARROSA, 2015, p.24).

<sup>2</sup> Termo utilizado por Larrosa (2015) para destacar uma maneira de ex-por os conhecimentos, as experiências de maneira não passiva. Um modo de ex-posição às experiências com todos os seus riscos e vulnerabilidades. Uma forma de estarmos abertos, sensíveis às coisas, aos acontecimentos da própria experiência.

traços, qualidades, acentuações nos corpos desses sujeitos da experiência. Portanto, não se trata apenas de reproduzir gestos, movimentos e comportamentos identificados em suas culturas. Os *Ateliês de criação em dança* caminham no sentido de provocá-los a trazer tais experiências para desconstruí-las e, certamente, reconstruí-las de outros modos.

Os *Ateliês* se constituem, então, como lugar para pesquisar, investigar, esburacar, questionar e abrir espaços para a criação, para o novo, o inusitado. Criação como potência, como possibilidade de invenção. Invenção essa que não se dá a partir da estaca zero é, pelo contrário, partir do que já está estabelecido e provocar questões, no nosso caso, questões do próprio corpo e do movimento para ampliar as experiências em dança.

(...) seja ela qual for, o que se pretende é proporcionar aos estudantes a capacidade argumentativa conquistada com as vivências, com o experimentar. Não é o domínio intelectual, externo, conteudista a predominar. E sim as múltiplas experiências, a diversidade, a intensidade, a contradição. E com a dança, na multiplicidade de corpos, nas sensações, no mover-se. E o foco não é algo externo, fora do contexto, daquele real vivido com aquele grupo de estudantes e sim, neles, na conquista de poéticas do coletivo e das poéticas pessoais. (RIBEIRO, 2018, p.8)

As experiências provocadas nos *Ateliês* se direcionam, então, à construção de argumentos no corpo que podem ser fabricados através das vivências, experimentações e contextualizações das danças no mundo. O foco é a troca de experiências entre os sujeitos, as danças e os espaços onde elas acontecem para que os mesmos conquistem autonomia para experimentar, criar e transformar os saberes e suas próprias realidades através dele.

Aqui destacamos a investida nas experiências adquiridas ao longo das trajetórias docente e discente a partir de processos de conquistas, de construção de saberes que se dão nas dimensões individual e coletiva através do contato, do compartilhamento, da troca, da criação e da invenção. Requer, portanto, que tanto professores quanto alunos sejam ex-postos às marcas, aos rastros, aos fragmentos e às diferentes nuances de tais experiências.

Como nos aponta Molina (2018) tal proposição pressupõe um estado de abertura nessa relação com o outro e com o mundo; um lugar de atravessamentos, que é possibilitado pelo estado de exposição, e que é delineado por um espaço

indeterminado e perigoso. Estas características de atravessamento, imprevisibilidade e exposição se configuram, conforme destaca Larrosa, também como pressupostos de formação e transformação.

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. (...) é experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (LARROSA, 2015, pp.25-26)

As experiências a que esses sujeitos se abrem têm buscado, então, um atravessamento, estas oportunidades de entrarem em contato com o novo, o inesperado, o inusitado. São descobertas que acontecem no corpo e transformam suas próprias experiências, enriquecendo-as, alimentando e ampliando seus olhares, seus modos de lidar com tais conhecimentos e que, posteriormente, também serão ex-postos por esses sujeitos em suas práticas profissionais, transformadas em trabalho.

Ao longo dessas experiências algumas questões sempre surgem: O que é de fato estudar dança? O que é pesquisar? O que é experimentar? Como se constituem estes saberes? Quando experimento, contextualizo e busco outros e novos meios de apresentá-los, de ex-por tais saberes. Eu saio das individualidades, no sentido estrito da palavra e atinjo realidades mais amplas, que saltam, extrapolam os pequenos espaços e chegam às concretudes mais extensas.

Contextualizar e investigar problemas sejam eles de ordem conceitual, teórica, ou da própria prática, das próprias corporeidades que estão presentes nestes acervos, nos permite entrar em contato com as diferentes realidades das danças. Todo acervo está inserido socialmente e é contaminado, transformado, atravessado por essa realidade.

Os processos de academicização do conhecimento dança, ou seja, a necessidade de se codificar e sistematizar esse conhecimento geram transformações nos próprios acervos que os fazem serem ensinados e aprendidos de modos específicos em cada um dos lugares onde estão inseridos. Um exemplo que podemos citar que se relaciona aos acervos das Danças de salão: o forró vem

do conhecimento popular, das festas e vai para os salões, para espaços onde normas e regras específicas de gestualidade e comportamentos conformam e direcionam a maneira de dançar. Daí que os processos de vivência e experimentação dessa dança se distinguem muito dependendo do lugar e dos objetivos aos quais essa aprendizagem se direciona.

Como são ensinadas? Que tipos de pedagogias imperam? Onde são ensinadas e aprendidas? E como ocorre esse aprendizado? Existe algum tipo de exigência técnica, motora e/ou sinestésica para se dançar? O que leva as pessoas a procurarem essas danças? Tais questões têm surgido ao longo das experiências dos *Ateliês* e se direcionam aos fatores que estão intimamente ligados à constituição dos saberes em dança e das experiências que se apresentam, se ex-põem, formam e transformam os sujeitos.

As experiências têm apontado para a criação efetiva de lugares de pesquisa e invenção em dança. Os *Ateliês de criação em dança*, na perspectiva aqui apontada, têm se tornado um território de acontecimentos onde as vivências se pretendem mais como uma superfície de produção de afetos, alguns rastros e marcas que perpassam e caracterizam os diferentes acervos do que um lugar de transferência de conhecimentos que advém somente dos códigos, vocabulários e sistematizações das danças.

Nesse terreno da construção de saberes o tempo é outro, diferente do tempo rápido, acelerado, agitado do mundo da ciência, do trabalho. Esses saberes são até transformados em trabalho, mas quando tratamos o próprio trabalho em sua natureza de criação, de construção humana. Assim, o saber da experiência é “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer que nos acontece” (LARROSA, 2015 p.32) apud (MOLINA, 2018, p.11).

Estes territórios incitam, assim, a construção de saberes que se adquirem na experiência, no desenrolar dos acontecimentos cotidianos da prática docente-discente. Tais saberes são da ordem das singularidades, da construção de sentidos e não da construção de verdades sobre a ordem das coisas, do conhecimento. Os saberes da experiência estão conectados efetivamente com os acontecimentos e

não, somente, com os conteúdos, os conhecimentos em si. Isso tudo porque tratamos aqui de processos de construção de saberes em Arte, em Dança. E, assim admitimos que esse percurso

(...) pode ser considerado como percurso criador, feito de formas de caráter precário, pautado em hipóteses, fruto de um longo percurso de dúvidas, ajustes, certezas, acertos, aproximações, um movimento feito de sensações, ações, pensamentos, que sofre intervenções do consciente e do inconsciente, do que é objetivo e do subjetivo onde o professor e o aluno são autores, respeitadas as devidas particularidades. (PORTELA et al. 2016, p.235)

O percurso trilhado é o da descoberta, fruto de muitas pesquisas, investidas, criações e invenções. O acoplamento de experiências entre docentes e discentes se dá como em um processo de mixagem, de junção, sobreposição, fusão... uma espécie de bricolagem artística onde diferentes camadas vão se unindo para construir os saberes em dança. Partindo sempre daquilo que já existe, o já conhecido, o percebido, mas, abrindo-se, também, ao desconhecido, o silenciado, o não percebido. Cada experiência, em cada *Ateliê*, ao longo dessa minha trajetória docente vai sempre se reconstruindo e apontando novas pistas do que está por vir. Por isso os *Ateliês* têm se tornando um lugar de muitos atravessamentos, descobertas e transformação.

Trazer as experiências de vida dos sujeitos e os saberes aí constituídos relacionando-os aos saberes da experiência dos diferentes acervos já constituídos historicamente, tem sido um bom exercício dialógico para disparar novas possibilidades artísticas e criativas para a inserção e trânsito desses sujeitos nos diferentes lugares sociais que ocupam, seja o contexto acadêmico, os lugares onde apresentam seus trabalhos artísticos ou até mesmo retornando aos seus próprios cotidianos de outra forma, seduzidos e transformados pelas poéticas que surgem de suas próprias experiências, dos seus movimentos e referências estéticas que são constantemente ressignificados neste lugar de pesquisa chamado *Ateliê de criação em dança*. Dança entendida, então, como acontecimento. A experiência adquirida em dança constrói, assim, os saberes em dança. E os saberes, portanto, não podem ser separados dos sujeitos que os encarnam. Dança afetada. Dança vivida. Dança dançada.

## Referências

GUIMARÃES et al. **Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da Licenciatura em dança do IFG**. Aparecida de Goiânia, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes e João Wanderlei Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Jan/Fev/Mar/Abr, nº19, 2002, p.20-28.

MOLINA, Alexandre José. Dança, formação artística e o conceito de experiência. In: *V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança, ANDA, 2018, Manaus. Anais do V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Manaus: 2018, p. 2-20.

PORTELA et al. Os saberes da experiência e a construção da poética docente para o ensino de arte. **Comunicações**. Piracicaba: jan.-abr, nº1, 2016, p. 225-238.

RIBEIRO, Luciana Gomes. A base nacional comum curricular foi aprovada. E agora? Como fica o ensino das artes? **Boletim da FAEB**. Goiânia: Maio, nº1, 2018, p.5-13.

---

<sup>i</sup> Docente e atual coordenador do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás/ Campus Aparecida de Goiânia. Mestre em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Pedagogias da Dança pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.